

O CONTO MACHADIANO A IGREJA DO DIABO E A PARADOXALIDADE DA NATUREZA HUMANA

Toni César P. F. Barros¹

RESUMO: O intrigante conto machadiano *A Igreja do Diabo* revela, de modo lacônico, um tema tradicionalmente consagrado no debate filosófico: trata-se da discussão acerca da *natureza humana*. Embora a questão seja antiga na filosofia, na literatura e na teologia, o texto traça uma estreita relação entre o conto machadiano e algumas teorias filosóficas e teológicas sobre o tema. Nossa conclusão é a de que, ao contrário do que argumenta Coutinho a respeito da visão machadiana sobre o ser humano - marcadamente pessimista -, Machado desloca-se de uma visão pessimista a uma visão paradoxal do ser humano. Embora não discutamos as razões para tal, há razões para crer que o arremate do conto se assemelha à visão da teologia cristã sobre o homem. **Palavras-chave:** Machado de Assis, natureza humana e teologia cristã.

ABSTRACT: The intriguing Machado's tale *The Devil's Church* reveals, in a laconic way, a theme traditionally enshrined in the philosophical debate: it is the discussion about human nature. Although the question is ancient in philosophy, literature and theology, the text traces a close relationship between the Machado's tale and some philosophical and theological theories on the subject. Our conclusion is that, contrary to what Coutinho argues about Machado's view of the human being - markedly pessimistic -, Machado moves from a pessimistic view to a paradoxical view of the human being. Although we do not discuss the reasons for this, there are reasons to believe that the ending of the story resembles the view of Christian theology about man.

Keywords: Machado de Assis, human nature and Christian theology.

INTRODUÇÃO

O limítrofe entre filosofia e literatura é, num certo sentido, demasiadamente tênue. As obras de Machado, como é comum nas obras de literatura, revelam, com grande frequência, temas tradicionalmente descritos como filosóficos. Entretanto, embora possamos encontrar pontos de contato e semelhança entre filósofos e as obras machadianas, como, por exemplo, a semelhança apontada

¹ toninatt@gmail.com. Mestre em filosofia (UFG), graduado em Teologia (IFTSC), graduado em Filosofia (UFG). É professor de Filosofia no IFG/Campus Formosa.

por Coutinho² entre Machado e Pascal ou a semelhança entre Machado e Heidegger, analisada por Reale³, seria impreciso afirmar uma simetria irrestrita entre um filósofo específico e Machado de Assis.

Não obstante, isso não significa de modo algum que não haja influências filosóficas ou temas filosóficos na literatura machadiana. De acordo com Reale, uma constante na obra de Machado de Assis é “o problema do homem ou a visão antropológica do mundo”⁴ e o conto *A Igreja do Diabo* corrobora esta tese. Entretanto, o conto parece ser um contraexemplo para a tese de Coutinho: “Machado tinha uma visão ensombreada pelo pessimismo. Só enxergava o lado mau da natureza humana”⁵. Analisaremos as razões desta afirmação ao longo do texto. Por fim, embora existam no conto temas teológicos, como as entidades “deus” e “diabo”, temas filosóficos, como a *ética* e a *natureza humana*, nossa investigação se limitará à questão da natureza humana.

1. O CONTO A IGREJA DO DIABO

O conto *A Igreja do Diabo* foi publicado em 1884 no livro *Histórias sem data* de Machado de Assis. O breve conto é apresentado em quatro capítulos: *De uma ideia Mirífica; Entre Deus e o Diabo; A boa nova aos homens; e Franjas e Franjas*. O conto inicia, sem muitas explicações, com a ideia do diabo de “fundar uma Igreja”⁶ com ritos, escritura, orações, novenas, missa, credo próprio. Segundo o diabo, “enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única: não acharei diante de mim nem Maomé, nem Lutero. Há muitos modos de afirmar; há só um de negar”⁷. O diabo se mostra perspicaz ao perceber que deus é cultuado de vários modos e por variadas religiões: cristianismo, islamismo, judaísmo, budismo etc. Mais ainda, dentro de cada uma das religiões há outras divisões profundas. Sunitas e xiitas são os dois grupos

² Ver obra: COUTINHO, Afrânio. *A filosofia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Vecchi Editora, 1940.

³ Ver obra: REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis*. Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44a.pdf>. Acesso em 25/01/2016.

⁴ REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis*, p.32. Acesso em 25/01/2016

⁵ COUTINHO, A filosofia de Machado de Assis, p. 51.

⁶ ASSIS, Os melhores contos de Machado de Assis, p.159.

⁷ Idem, *Ibidem*, p.160.

mulçumanos majoritários. Católicos, ortodoxos, protestantes e neopentecostais são grupos cristãos. Judeus ortodoxos, judeus humanísticos, judeus reformistas são grupos judaicos. Theravada e Mahayana são tradições budistas. A história foi palco - e ainda é - de conflitos sangrentos, não só entre religiões diferentes, mas também entre grupos diferentes de uma mesma religião. Identificado, portanto, o problema, qual seja *da falta de unidade da religião divina*, o diabo prossegue em sua metodologia, supondo que sua igreja não sucumbiria a este problema, dada a sua unidade.

O capítulo seguinte descreve o diálogo entre deus e o diabo quando o último foi comunicar ao primeiro o projeto fundacional. Diz o diabo: “Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é muito alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja”⁸. Deus interroga o diabo sobre o porquê da ideia da fundação e o diabo retruca dizendo que havia percebido que “Muitos corpos que se ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo [...] centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado”⁹ e, logo à frente, acrescenta “A misantropia pode tomar aspecto de caridade”¹⁰. A inspiração que levou o diabo a desejar fundar sua igreja foi a observação de que as pessoas oscilavam entre a aparente devoção divina e o desejo pelo pecado. E, segundo ele, mesmo os misantropos podiam parecer caridosos. Seu público alvo estava garantido.

O terceiro capítulo descreve o anúncio da nova igreja na terra e a quase automática adesão das pessoas. O diabo “prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos” e acrescentava “Eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo”¹¹. Porém, ele não se apresentava de forma caricaturada como era retratado pela arte cristã. Muito pelo contrário, apresentava-se “gentil e airoso”. Sua doutrina negava as virtudes cristãs e as substituía pelas “naturais e legítimas”¹²: soberba, luxúria, preguiça, avareza, ira, gula e inveja. Enfim, o diabo trocava a ordem das coisas fazendo os homens “amar as perversas e detestar as sãs”¹³. Contudo, o golpe mais

⁸ Idem, *Ibidem*, p.160.

⁹ Idem, *Ibidem*, p.161.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, p.162.

¹¹ Idem, *Ibidem*, p.161.

¹² Idem, *Ibidem*, p.162.

¹³ Idem, *Ibidem*, p.163.

profundo e certo do diabo foi aniquilar todo o “amor do próximo”¹⁴. Dizia ele que o amor ao próximo só era permitido quando se tratasse de amar a mulher do próximo. O diabo, ao começar a propagar sua catequese doutrinal, estava convencido de que os vícios capitais são mais próprios do ser humano do que as virtudes cristãs.

O quarto - e último - capítulo retrata a enorme decepção do diabo e o abandono de seu projeto em plena pujança: “notou o Diabo que muitos dos seus fiéis, às escondidas, praticavam as antigas virtudes”¹⁵. O diabo assombrado voa até o céu e ansioso espera uma explicação divina para o singular fenômeno e ouve de deus: “Que queres tu, meu pobre diabo? [...] É a eterna contradição humana”¹⁶.

2. O CONTO MACHADIANO E ALGUNS ASPECTOS DA FILOSOFIA

No conto, como vimos, o diabo observou que as pessoas eram solidárias porque isso lhes havia sido ensinado pela religião cristã, entretanto, acreditava ele, que sua religião despertaria o egoísmo natural do ser humano e, desse modo, não haveria mais lugar para a generosidade e a compaixão. Ao que parece, portanto, o diabo supunha que o ser humano fosse de fato intrinsecamente mau e os ensinamentos divinos tinham a principal função de moderar e limitar este estado vicioso, latente no ser humano. Pode-se dizer que por trás da concepção inicial do personagem diabo está a noção de homem como um ser voltado somente para si mesmo. Tal noção, num certo sentido, pessimista do ser humano, esta presente em grande parte da obra de Machado. Talvez o exemplo mais ilustrativo seja o clássico *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o qual termina com a célebre frase “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”¹⁷. Nesse sentido, Afrânio Coutinho na obra *A filosofia de Machado de Assis* (1940) afirma:

¹⁴ Idem, *Ibidem*, p.164.

¹⁵ Idem, *Ibidem*, p.165.

¹⁶ Idem, *Ibidem*, p. 165.

¹⁷ ASSIS, Machado. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p.99. Acesso em: 11 jan. 2016.

O pessimismo de Machado é [...] uma ausência total de simpatia para os homens e de confiança neles, uma indiferença completa para os seus sofrimentos, amarguras e desesperos. [...] Não encontramos, no seu testemunho de humanidade, os bons sentimentos e virtudes, as boas qualidades; tudo é egoísmo¹⁸[...] êle coloca o homem, essencialmente mau. [...] Só enxergava o lado mau da natureza humana¹⁹.

Na história do pensamento não são escassos os tratados e análises que enfatizam o aspecto pessimista do ser humano. Apresentaremos ligeiramente dois filósofos na história do pensamento que, por razões diametralmente diversas, acentuam a brutalidade humana. Salvas as muitas observações, Hobbes (1588-1679) no *Do cidadão* (1642), ao propor sua teoria de estado, supõe “No estado de natureza, todos os homens tem desejo e vontade de ferir [...]”²⁰ e acrescenta no *Leviatã* (1651):

Porque as leis de natureza (como a justiça, a equidade, a modéstia, a piedade, ou, em resumo, fazer aos outros o que queremos que nos façam) por si mesmas, na ausência do temor de algum poder capaz de levá-las a ser respeitadas, são contrárias a nossas paixões naturais, as quais nos fazem tender para a parcialidade, o orgulho, a vingança e coisas semelhantes²¹.

As pessoas se associam na perspectiva hobbesiana, não por serem naturalmente seres sociais, como propunha Aristóteles, mas, pelo contrário “Toda associação, portanto, ou é para o ganho ou é para a glória – isto é, não tanto para o amor de nossos próximos, quanto pelo amor de nós mesmos”²². A leitura que Rousseau (1712-1778) faz de Hobbes na obra *Discurso sobre a origem da desigualdade e o fundamento da desigualdade entre os homens* (1755), direciona-se igualmente no sentido de entender o homem como voltado, sobretudo para si mesmo: “Hobbes pretende que o homem é naturalmente intrépido e não

¹⁸ COUTINHO, A filosofia de Machado de Assis, p. 49.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p.51.

²⁰ HOBBS, *Do cidadão*, p.29.

²¹ Idem, *Leviatã*, p. 103.

²² Idem, *Do cidadão*, p.28.

procura senão atacar e combater”²³, por isso, acrescenta Rousseau “não iremos, sobretudo, concluir com Hobbes que, por não ter nenhuma ideia de bondade, seja o homem naturalmente mau”²⁴.

Ao que parece, segundo Hobbes, o ser humano comportar-se, na ausência de um poder soberano, como se estivesse num estado “de guerra de todos contra todos”. Neste estado, não há lugar para o altruísmo, mas somente para a conservação própria da vida.

Na esteira de Hobbes, porém séculos mais tarde, fazendo parte de outra tradição, com intenções filosóficas distintas de Hobbes, contemporâneo de Machado de Assis, influenciado por Schopenhauer, encontra-se Nietzsche (1844-1900). Há semelhanças entre o diabo de machado e o pensamento de Nietzsche: para o diabo do conto, as pessoas eram naturalmente egoístas, contudo foi-lhes ensinada, desde a infância, a compaixão cristã. A semelhança com o alemão encontra-se na obra *O Anticristo* (1888), onde ele diz:

Denomino corrompido um animal, uma espécie, um indivíduo, quando perde seus instintos, quando escolhe, quando prefere o que lhe é pernicioso.²⁵

[...]

Ousou-se denominar a compaixão uma virtude. [...] Shopenhauer estava certo: com a compaixão a vida é negada.²⁶

A nova igreja do diabo, no conto machadiano, quer exatamente libertar o ser humano de sua educação para a compaixão e deixar aflorar nele o olhar natural sobre si mesmo. A mesmo parece ser a intenção de Nietzsche na *Genealogia da Moral* (1887) ao criticar a moral cristã: “enquanto toda moral nobre brota de um triunfante dizer sim a si próprio, a moral de escravos diz não, logo de início, a um “fora”, a um “outro”, a um “não-mesmo”²⁷.

²³ ROUSSEAU, Discurso sobre a origem da desigualdade e o fundamento da desigualdade entre os homens, p. 239.

²⁴ Idem, *Ibidem*, p.252.

²⁵ NIETZSCHE, *Anticristo*, p.393

²⁶ Idem, *Ibidem*, p. 394

²⁷ Idem, *Genealogia da Moral*, p.343

Porém, no último capítulo do conto, quando o personagem diabo se depara com ações generosas, apesar de sua doutrina permitir ao homem os maiores abusos e pecados possíveis, ele se decepciona e abandona seu projeto de uma nova igreja. Sua decepção parte da constatação de que, apesar de ensinado ao homem a permissividade para se fazer toda e qualquer tipo de ação, ele, ainda assim, é capaz de praticar, às escondidas, gestos de compaixão e generosidade para com seus semelhantes. Ao contrário, portanto, de um sentimento de medo e vingança, o diabo percebe que há outros elementos no ser humano que não são fruto somente do ensino doutrinário, mas que estão presentes mesmo quando não lhes são ensinados.

Ora, poderíamos perguntar: se o ser humano fosse naturalmente misantropo e se lhe fosse ensinado somente princípios desta estirpe, como poderiam ser possíveis a ele ações altruístas e com finalidades altruístas? Uma possível resposta à questão é caracterizar o homem como Rousseau o faz em seu *Discurso sobre a origem da desigualdade e o fundamento da desigualdade entre os homens*. Neste discurso, ao defender a tese de que a desigualdade política ou moral, não é natural, mas construída ao longo da história civilizatória, Rousseau procura caracterizar o homem em seu “estado natural”, purificado, portanto, dos escombros sociais impostos a ele. Em tal situação, a qual ele reconhece como hipotética: “suposição dessa condição primitiva”²⁸, o homem é “naturalmente bom”²⁹ e essencialmente livre. A bondade, a qual Rousseau se refere, não se liga a um determinado conjunto de preceitos morais, mas advém de um sentimento natural de piedade, de compaixão, impelindo o homem a buscar tanto a conservação de si mesmo quanto a dos outros: “Certo, pois a piedade representa um sentimento natural que, moderando em cada indivíduo a ação do amor de si mesmo, concorre para a conservação mútua de toda a espécie”³⁰. Este sentimento de piedade natural é, segundo Rousseau, tão impregnado no homem que, com muita dificuldade, ele se perde: “tal a força da piedade natural que até os costumes mais depravados tem dificuldade em destruir”³¹.

²⁸ ROUSSEAU, *Discurso sobre a origem da desigualdade e o fundamento da desigualdade entre os homens*, p.257.

²⁹ *Idem*, *Ibidem*, p.291 – nota i.

³⁰ *Idem*, *Ibidem*, p.255.

³¹ *Idem*, *Ibidem*, p.253.

O arremate do conto, entretanto, requer uma solução para além de Rousseau, uma vez que, no desfecho do conto, a natureza humana não é apresentada como “naturalmente boa”, mas como paradoxal. O personagem deus diz ao diabo: “Que queres tu? [...] É a eterna contradição humana”³². O pobre diabo foi forçado a admitir que o homem não é nem bom nem mau em sua natureza. Mais ainda, embora os costumes sociais ou doutrinários influenciem as atitudes humanas, eles não são determinantes para tornar o homem um altruísta ou misantropo. Numa palavra, o ser humano é naturalmente paradoxal: bondade e maldade, generosidade e egoísmo, altruísmo e misantropia fazem parte dele e de suas ações.

Ao contrário, portanto, do que diz Coutinho: “Machado tinha uma visão ensombreada pelo pessimismo. Só enxergava o lado mau da natureza humana”³³, neste conto, Machado advoga pela complexidade da alma humana, renunciando, assim, a uma visão simplesmente má, unicamente pessimista da mesma. A natureza humana, descrita pelo personagem deus, assemelha-se à compreensão de Paulo³⁴: “não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero”³⁵. Isto é, bondade e maldade estão dentro da pessoa em constante tensão entre querer e fazer. Santo Agostinho, partindo da teologia paulina, também advoga em favor da paradoxalidade da natureza humana: “por aí se vê que a natureza do homem nasce em um estado intermédio, que não é nem a estultice, nem a sabedoria”³⁶. Nossa hipótese é a de que Machado inspirou o arremate do conto na doutrina católica sobre o assunto, a qual, por sua vez, foi inspirada em Paulo e Agostinho. A doutrina católica entende que o homem foi criado por Deus num estado de perfeita harmonia com o criador: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”³⁷. O primeiro homem, Adão, e a primeira mulher, Eva, foram colocados por Deus num jardim chamado Éden³⁸ e não conheciam nem o sofrimento e nem morte.

³² ASSIS, Os melhores contos de Machado de Assis, p. 165.

³³ COUTINHO, A filosofia de Machado de Assis, p. 51.

³⁴ Todas as citações dos textos bíblicos foram retiradas da BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7ª edição. São Paulo: Paulus, 1995.

³⁵ Rm 7, 19.

³⁶ AGOSTINHO, O livre-arbítrio, p. 233.

³⁷ Gn 1,27.

³⁸ Gn 2,8.

A única regra exigida por Deus, segundo o mito bíblico, era “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terá que morrer”³⁹. Porém, uma serpente, presente no jardim, persuade Eva a comer o fruto dizendo “Não, não morreréis! Mas Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão e vós sereis como deuses, versados no bem e no mal”⁴⁰. Eva come o fruto e o dá a Adão. Quando comem, diz o mito, “abriram-se os olhos dos dois”⁴¹ e, como consequência, Deus expulsa-os do paraíso, impondo-lhes o castigo da dor, do sofrimento e da morte. A partir de então a espécie humana, embora em alguns aspectos semelhantes ao criador, encontra-se num estado de tendência para o mal. Este é, em linhas gerais, o que se denomina na teologia cristã de *pecado original* ou “queda do primeiro homem”:

56

[...] (pecado original) [...] É a privação da santidade e justiça originais, mas a natureza humana não se encontra totalmente corrompida: ela é lesada em suas próprias forças naturais, submetida à ignorância, ao sofrimento e ao império da morte, e inclinada ao pecado (esta propensão ao mal é chamada “concupiscência”)⁴².

[...]

Ignorar que o homem tem uma natureza lesada, inclinada para o mal, dá lugar a graves erros no campo da educação, da política, da ação social e dos costumes⁴³.

Ao que parece, portanto, o que subjaz a afirmação de deus no conto sobre a “eterna contradição humana” é a doutrina cristã, a qual considera o ser humano como criado por Deus e, por isso, participante de sua bondade, porém, por conta do pecado original, sua natureza foi marcada pela tendência à maldade.

³⁹ Gn, 2,16.

⁴⁰ Gn 3,5.

⁴¹ Gn 3,7.

⁴² CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, p.115

⁴³ Idem, *Ibidem*, p. 116.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como é comum tanto na literatura quanto na filosofia as interpretações dificilmente se esgotam e, nesse sentido, as tratativas e comparações entre Machado e os filósofos citados não pretenderam, de modo algum, serem as únicas e muito menos as mais adequadas. O itinerário do texto foi precisamente ler o conto machadiano de modo a dialogar com alguns pensadores da história, esquivando-se da pretensão de investigar e detalhar todos os aspectos das teorias filosóficas e teológicas citadas. Em particular, advogamos em favor da ideia de que o conto, ao contrário do que afirma Coutinho, revela um Machado de Assis, nem tanto pessimista no que diz respeito à natureza humana, mas, podemos dizer, concebendo a mesma como paradoxal. Tal noção machadiana, entretanto, tem verossimilhança com a doutrina cristã sobre o ser humano, a qual tende a equilibrar as posições na história do pensamento que ora tendenciam para a maldade e ora acentuam a bondade humanas. As discussões antropológicas contemporâneas sobre o assunto também tendem a essa direção. Por fim, esperamos que o texto possa contribuir nas discussões filosóficas e literárias sobre Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. 7ª edição. São Paulo: Paulus, 1995.

AGOSTINHO, Santo. **O livre-arbítrio.** 2ª ed., Trad. Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995.

ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas.** Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000167.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2016.

_____. **Os melhores contos de Machado de Assis.** Seleção Domício Proença Filho, 15ª ed. São Paulo: Global Editora, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **A filosofia de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Vecchi Editora, 1940.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 9ª edição. São Paulo: Loyola, 2014.

HOBBS, Thomas. **Leviatã.** Trad. de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).

_____. **Do cidadão.** Trad. Renato Janine Ribeiro, 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo – Ensaio de uma Crítica do Cristianismo.** Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 391-408. (Col. Os Pensadores).

_____. **Para a Genealogia da Moral.** Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 337-370. (Col. Os Pensadores).

REALE, Miguel. **A filosofia na obra de Machado de Assis.** Disponível em <http://www.academia.org.br/abl/media/prosa44a.pdf> . Acesso em: 25 jan. 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens.** Trad. de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Nova Cultural, 1991, p. 201-282. (Col. Os Pensadores).